

O CAMINHO GUARANI E KAIOWÁ NA BUSCA DO JEITO SAGRADO DE SER - OGUATA TEKÓ ARAGUYJE REHEHÁPE

Eliel Benites*

Antonio Dari Ramos**

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2017.

Resumo: É objetivo, neste texto, trabalhar elementos da filosofia Guarani e Kaiowá – a filosofia do movimento – explicitada durante o processo implantação da educação escolar indígena diferenciada na Reserva Te'yikue, no município de Caarapó, MS. Os contatos com os mestres tradicionais possibilitaram entender como os Kaiowá e os Guarani se constituem, tradicionalmente, enquanto pessoas e como sujeitos históricos. Para entender esse processo, discorreremos sobre as categorias filosófico-cosmológicas do pensamento Guarani e Kaiowá Teko, Tekoha e Ñe'ẽ. O desafio maior que permanece é pensar como esses elementos dialogam com a escola indígena.

Palavras-chave: Teko, Tekoha e Ñe'ẽ; educação escolar indígena; filosofia Guarani Kaiowá.

Resumen: Es objetivo, en este texto, trabajar elementos de la filosofía Guarani y Kaiowá – la filosofía del movimiento – explicitada durante el proceso de implantación de la educación escolar indígena diferenciada en la Reserva Te'yikue, en el municipio de Caarapó, MS. Los contactos con los maestros tradicionales posibilitaron entender cómo los Kaiowá y los Guarani se constituyen, tradicionalmente, como personas y como sujetos históricos. Para entender este proceso, hemos discutido sobre las categorías filosófico-cosmológicas del pensamiento Guarani y Kaiowá Teko, Tekoha y Ñe'ẽ. El desafío mayor que permanece es pensar cómo esos elementos dialogan con la escuela indígena.

Palabras-clave: Teko, Tekoha y Ñe'ẽ; Educación escolar indígena; Filosofía Guarani Kaiowá.

1. O ESPAÇO ESCOLAR

Este artigo busca discutir as categorias Teko – jeito de ser, Tekoha - território e Ñe'ẽ - a linguagem sagrada, a partir da experiência de conviver com os mestres tradicionais na Reserva Te'yikue¹, durante o processo de implementação da educação escolar indígena e, em especial, no processo de alfabetização na língua guarani, na experiência de recuperação ambiental e nas práticas de produção sustentável de alimentos na Unidade Experimental².

A educação escolar indígena, nesta terra indígena, iniciou-se em 1997, com as primeiras salas de alfabetização na língua guarani, contando com a participação da comunidade, de lideranças e dos primeiros professores indígenas. Esta iniciativa foi introduzida primeiramente pela preocupação da gestão municipal da época em melhorar o aproveitamento de educação escolar que estava com índices muito baixos. A ação envolveu o poder público municipal, a comunidade indígena e a universidade na busca coletiva de soluções.

* Professor indígena da etnia kaiowá da reserva indígena Te'yikue /MS, formado em ciência da natureza na Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Arandu, Universidade Federal da Grande Dourados, mestre em educação pela Universidade Católica Dom Bosco, membro do Movimento dos Professores Guarani Kaiowá e presidente da Associação dos Realizadores Culturais Indígenas – ASCURI.

**Diretor e docente na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND/UFGD). Doutor em História

1.A reserva indígena Te'yikue localiza-se no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul, com área de 3594 hectares. Ela foi demarcada em 20 de dezembro de 1924.

2.São ações concretas ligadas à escola como espaço de formação na área de educação ambiental e produção de alimentos. A Unidade experimental é um campo experimental de produção de alimentos e que tem como base os conhecimentos tradicionais kaiowá e guarani e as técnicas das sociedades não indígenas.

No processo de envolvimento da comunidade na implantação da educação escolar que garantisse as práticas educativas e que valorizasse a cultura, a língua e o processo próprio de ensino aprendizagem, possibilitou-se a constituição de um espaço escolar onde o currículo é visto como em construção. Com isso, pensou-se numa proposta que utiliza vários espaços de ensino e aprendizagem nos quais a cosmologia e os valores tradicionais, além de serem ensinados, são vividos. O que percebemos é que a organização da Escola Nandejára foi se constituindo em vários lugares, enquanto “Espaço Alternativo” (BENITES, 2014, p. 114), formada por três unidades: Unidades Experimentais, Casa de Reza, Viveiro de Mudas, enquanto “espaços alternativos onde se realizam as práticas do cultivo da terra, a educação ambiental e as práticas da espiritualidade kaiowá e guarani” (BENITES, 2014, p.114).

Em todo o processo de constituição escolar, a presença dos mestres tradicionais (Ñanderu - rezador e Ñandesy – rezadora), é constante em todos os espaços e momentos. Com isso foi se criando e ampliando o ambiente de educação a partir dos diálogos intensos na busca em inserir na educação escolar os valores kaiowá e Guarani. Este diálogo ocorre dentro da Reserva, principalmente no Fórum de Educação Escolar. O Fórum é visto:

como espaço coletivo, onde diversos segmentos da comunidade da Reserva Indígena Te'yikue discutem democraticamente, na Semana dos Povos indígenas, no mês de abril de cada ano, inúmeros temas referentes aos povos indígenas. Para sua realização todos são envolvidos de forma interdisciplinar, a partir da escola e, precisamente, a partir dos professores indígenas, sobre temas da realidade, definidos coletivamente, ou sobre dificuldades e desafios que devem ser encarados de forma conjunta e corajosa (Benites, 2014, p. 94).

Nos encontros do Fórum são vivenciados momentos de diálogo onde todos os segmentos da comunidade, como os pais, mães, mulheres, jovens, lideranças, professores e agentes de saúde pensam sobre as práticas de ensino e aprendizagem, responsabilizando-se pelo compromisso de todos na formação do teko de todas as pessoas que frequentam a escola. Neste processo de “ouvir”, os mestres tradicionais são considerados os mais ricos de todos em conhecimento, porque eles vivenciaram este

processo do teko marangatu³ com mais intensidade. Ser o mais “velho” é sinal de privilégio, porque, na visão indígena kaiowá e Guarani, pertence à geração que vivenciou mais “tempo” o próprio tempo. Além de viver este tempo, também “ouviu” este tempo. Essa experiência é resumida em uma palavra: arandu. Ara é dia, tempo; ndu vem da palavra ohendu, que significa ouvir.

A compreensão dos fundamentos da educação kaiowá e guarani aqui proposta como Teko, Tekoha e Ñe'ẽ, vem da experiência desta trajetória de vivenciar o processo de construção coletiva do currículo da educação escolar na reserva Te'yikue. Em torno das ideias de “educação escolar indígena” foi se constituindo uma “comunidade”. Para Zygmunt Bauman, a comunidade é um tipo de entendimento que se caracteriza por:

um “sentimento recíproco e vinculante” – “a vontade real e própria daqueles que se unem”; e é graças a esse sentimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam” (2003, p. 15-16).

Esta comunidade passa a construir o “currículo” em movimento quando a escola se tornou de interesse comum. Silva destaca, do ponto de vista dos Estudos Culturais, que o currículo “é um artefato social” (2007, p.135) na medida em que é construído socialmente e define significados, passando a direcionar a produção da identidade. Nesse sentido, o currículo é a própria “invenção” da comunidade. No caso da aldeia Te'yikue, aconteceu uma construção coletiva do currículo. Neste processo, vivenciamos a constituição de uma nova identidade que tem em sua base os valores da cultura ocidental e tradicional Kaiowá e Guarani.

Construir e viver este currículo cria possibilidade de uma identidade em construção. Este processo é marcado por muitas interferências dos contatos entre indígenas e não indígenas. Assim sendo, o teko passa a ser o resultado da resistência a muitos elementos externos à reserva de Caarapó. Nesse sentido,

3. Mais adiante discutiremos o conceito do teko marangatu.

a nossa identidade kaiowá e guarani se constrói a partir do relacionamento com o contexto, em contínua redefinição nas relações sociais, e este produz o ser kaiowá e guarani, carregando as marcas do contexto no qual é produzido. É um processo de contínua identificação, caracterizando o sujeito indígena como múltiplo, com as múltiplas constituições do ser, diante das múltiplas referências do discurso exterior (Benites, 2014, p.56).

Teko vem da palavra oiko, que é a forma de se mover pela aldeia, espaço ou mundo; é a forma particular de todos os seres se movimentarem na busca constante da sua perfeição. No caso de nós Kaiowá e Guarani, o teko é o movimento em busca da perfeição humana na dimensão física e espiritual. Essa busca em movimento envolve muitos elementos que são vivenciados no tempo e no espaço do tekoha – território. É muito importante destacar a finalidade do movimento do teko. O teko se movimenta no tempo e no espaço do tekoha, que, por sua vez, passa por muitas etapas de desenvolvimento para chegar ao ponto final, mas este final é o próprio reinício de um grande ciclo do movimento. Existem muitos teko, mas, existe um fio condutor que possibilita a gradação do teko para se chegar ao teko araguyje – jeito sagrado de ser.

O primeiro passo é o teko rei, o “jeito de ser” que ainda não foi influenciado para o seu desenvolvimento, qual seja, a finalidade do seu desenvolvimento. A primeira vista ele se define como “jeito à toa de ser” – como dizem nas aldeias. Esse teko precisa ser lapidado, passar por provações para iniciar a sua caminhada e o seu movimento. Nesta fase é muito importante que o sujeito do teko rei se aproxime do herekua – o condutor, tutor. O teko é semelhante ao cipó das florestas. Ele pode se apoiar em qualquer elemento ou condutor mais próximo para se elevar aos lugares mais altos da mata; se o condutor é bom, o cipó vai ser reto, mas, se for ao contrário, o cipó vai ter muitas curvas.

O teko porã é o próximo nível e está acima do teko rei, porque o sujeito está sendo direcionado ao horizonte mais adequado e em conformidade com os valores tradicionais. Nesta fase o kaiowá e o guarani demonstram a felicidade, praticam a solidariedade e todos os bons comportamentos frente ao condutor, neste caso o Ñanderu, o mestre tradicional. Neste processo o sujeito ainda não é seguro na sua totalidade em

relação aos valores vivenciados, mas acompanha adequadamente o Ñanderu. Hoje o sinônimo do teko porã é viver sem problemas.

O teko katu é a aquisição de uma habilidade específica conforme o perfil do sujeito que está no processo de elevação do seu teko. O katu vem da palavra katupyry, que significa agilidade em um trabalho, caça, pesca ou em outras atividades laborais. É tanto masculino quanto feminino, e é sempre associado ao modo sagrado de ser. Nesta fase se definem os papéis e a importância da pessoa na comunidade. É também nesta fase de formação que se observa quem vai ser o yvyra'ija – o auxiliar do Ñanderu.

A última fase que o kaiowá e guarani podem percorrer no seu desenvolvimento do teko é o teko marangatu – jeito sagrado de ser. O sujeito que o vive tem a característica de ser uma pessoa espiritualizada. O jeito de ser desta pessoa é muito ligado às práticas de canto e dança, ela faz parte do grupo do Ñanderu – o rezador. A palavra marangatu significa maran - coisas boas, ou belas; ngatu vem da palavra katu – habilidades, traduzidas em coisas boas e belas. Nas pessoas que têm o teko marangatu, as falas são muito sagradas e puras. Não há coisas ruins nelas. Seu jeito de caminhar é mais lento, observatório. Elas parecem que a todo momento estão dialogando ou interpretando a natureza, as pessoas e o tekoha.

O teko marangatu é um ponto elevado de ser, quando o sujeito é capaz de conduzir grupos de parentes através do seu jeito sagrado no convívio coletivo. Este convívio coletivo supõe que todos os bens são compartilhados e há solidariedade em todas as relações sociais. Nesse sentido, o ambiente ou Tekoha se torna sagrado, através do modo de ser sagrado deste grupo.

2. TEKÓ ARAGUYJE- ONDE O CAMINHO SE RENASCE.

A palavra araguyje é formada por ara - tempo, dia – e por guyje – amadurecimento, o ponto máximo da maturação ou perfeição. Então, o teko araguyje é o jeito de ser que alcançou a perfeição máxima, próxima ao jeito de ser dos deuses. Os mais velhos da comunidade comparam o teko araguyje com a maturação das frutas. As frutas quando estão maduras é o sinal de que as sementes estão prontas e podem ser semeadas no ambiente. Da mesma forma, quando o teko quando chega à perfeição máxima,

é o tempo em que deve ser semeado novamente no ambiente, mas com sementes que contém os elementos da matriz na qual foi gerada, carregadas de forças e da energia do teko matriz.

O teko araguayje não é o final de um teko, mas onde este teko é capaz de produzir outros teko, multiplicando-o no ambiente, que é o Tekoha; dando sequência aos valores tradicionais. Os Ñanderu, os mestres ou rezadores, são exemplos de pessoas que alcançaram esta etapa. Eles têm a responsabilidade de multiplicar os teko, e é por isso que eles formam grupos de rezadores, buscando a coletividade na perspectiva de continuar a cultivar o teko e direcionar muitos teko rei na comunidade.

O teko araguayje é o fechamento do ciclo da formação do teko na educação tradicional guarani kaiowá e possibilita o reinício de vários teko, a partir das sementes jogadas no tekoha. As sementes seriam originadas do teko araguayje. O rezador Nildo Cepre, morador da aldeia Te'yikue, em conversa rotineira, afirma que, para isso, é fundamental o jerokey - dança - e o porahéi - canto -, por que organizam e dinamizam a comunidade e todo o tekoha, a partir do movimento chamado oguata - o caminhar. Todo o universo é constituído e organizado a partir do movimento. Assim, também, a formação do teko. Por isso, nós indígenas temos a tradição de caminhar por nosso tekoha. O canto e a dança fazem parte do viver como estrutura principal que orienta e conduz o nosso ser, dão sentido ao ser kaiowá e guarani.

O conceito de oguata, o caminhar, é mover, caminhar na busca do teko marangatu. Caminhamos física e espiritualmente na perspectiva de buscar novos elementos que constituirão o teko. Neste processo, encontramos outros teko que não fazem parte do repertório que contribuem para o processo da gradação do próprio teko da educação tradicional. São eles: teko vai (jeito ruim de ser), teko pochy (jeito odioso de ser), teko ñaña (jeito mesquinho de ser). Estes são alguns teko que desviam os kaiowá guarani da sua religiosidade. Isso acontece porque muitos não se esforçam na busca do teko araguayje, gerando constantes desafios para o Ñanderu para manter as pessoas no caminho do oguata porã, as belas formas de caminhar.

3. TEKOKHA HA ÑE'Ê

O rezador Kaiowá Ava Rendy⁴, morador da aldeia Lagoa Rica, conta sobre a origem da terra durante a sua participação na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu⁵, na Faculdade Intercultural Indígena, na Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, na Etapa Presencial de Janeiro de 2016: a terra surgiu a partir da dança e canto original feito pelo Ñande Ryke'y. Dança e canto é a própria manifestação do nosso Deus.

No início dos tempos o Ñande Ryke'y colocou o Chiru, uma cruz sagrada que sustenta todo o universo (a força gravitacional universal). A partir do movimento da dança e canto foi ampliando - ombojepyso (desdobrando a terra e ampliando-a). Conta ele que havia um grão de areia originária entre os dedos do pé e este grão caiu e se multiplicou, criando o planeta terra. A terra surgiu a partir do Chiru. Havia também um colar e uma porunga⁶ pendurado no Chiru e dentro dela havia um material como uma cera adocicada chamada jasuka. A partir desse material criou os primeiros guarani kaiowá.

Após este feito, o Ñande Ryke'y se elevou ao lugar sagrado, o Yvy Rendy, e deixou o legado para nós guarani e kaiowá para cuidarmos da terra, mantendo e alegrando através do porahéi, o canto, e do jerokey, a dança. Por isso é que as práticas do canto e da dança é muito importante para seguir o grande Teko Jára, o dono do teko, o Ñande Ryke'y, para que, no seu teko araguayje, as portas sejam abertas e o caminho iluminado, tape rendy para oguata - caminhar em direção ao Yvy Marane'y, a terra sem males.

Naquele tempo o ñande ryke'y cantava assim: Yvy reñoi ramo guare ore ko oraju va'ekue! Ae! Ae! Ae! Ae! Ae! Yvy reñoi ramo guare ore ko oraju va'ekue! Ae! Ae! Ae! Ae! Ae! (Quando a terra originária brotou, nós viemos! Ae! Ae! Ae! Ae! Ae! Quando a terra originária brotou nós viemos! Ae! Ae! Ae! Ae! Ae!)

4. Valério Vera Gonsalves

5. É uma Licenciatura específica voltado para a formação dos professores Guarani Kaiowá, iniciou desde 2006 e tem como currículo norteador a educação intercultural e no fortalecimento da educação kaiowá e Guarani.

6. Na língua guarani chamamos hyakua, planta rasteira que tem o seu fruto seco e usado para fabricar instrumento musical chamado mbaraka para acompanhar os cantos.

Esta pequena história, ou ñemombe'upy, narra a origem do tekoha, hoje considerado como o lugar onde o teko é produzido e vivenciado. É muito importante conhecer como o tekoha está ligado à espiritualidade kaiowá e guarani. O tekoha é o lugar também onde o sentido de ser tradicional é cultivado constantemente. A importância dos valores tradicionais serem mantidos é porque, através deles, aproximamos o nosso teko ao modo de ser do Ñande ryke'y, o nosso Deus. É o lugar onde acontece o processo da construção do teko, independente do tipo de teko mais cultivado em determinado tempo, lugar e espaço.

Segundo Meliá, o tekohá é “el lugar donde se dan las condiciones de posibilidad del modo de ser guarani. La tierra concebida como tekoha es ante de todo un espacio socio-político” (Apud Brand e Colman, 2008, p.160). No mato Grosso do Sul, segundo este autor, os guarani kaiowá

estão localizados na porção meridional do Estado e apresentam, atualmente, uma população significativa de 41.1522, representando a 2ª maior população indígena no Estado. Esta população se encontra ocupando 30 terras indígenas, com cerca de 40 mil ha de extensão. (Brand e Colman, 2008, p.154)

Os elementos do tekoha, na dimensão espiritual (os cantos, os donos das florestas etc.) e física/biológica (os seres vivos e não vivos) constitui o teko, o jeito de ser, e o jeito físico dos kaiowá e guarani. A relação estabelecida com o seu território é tão profunda que a linguagem, o Ñe'ẽ, se origina do próprio tekoha. A língua deixada através do canto pelo Ñande Ryke'y é adaptada ao local onde se encontra o tekoha.

Muitas linguagens, Ñe'ẽ ou ayvu, fazem parte de um tekoha, mas apenas pequena parte delas é absorvida pelos kaiowá e guarani para se comunicar com a natureza, o tekoha. Essas linguagens não são constituídas apenas pelo som ouvido através da sensibilidade da audição, mas também por outras sensibilidades, sinal da grande e profunda relação dos kaiowá e guarani com o seu tekoha. O ayvu é o elemento de ligação com o mundo social, ambiental e espiritual em um tekoha. Através dele é que mantemos os valores, que repassamos continuamente a cosmologia Guarani e Kaiowá às novas gerações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é apenas uma reflexão incipiente, e vem da experiência de construção da educação escolar indígena da Reserva Te'yikue, município de Caarapó. Os fundamentos da vida social foram discutidos de forma muito breve, mas esse exercício é uma tentativa de aproximar a compreensão Guarani e Kaiowá da lógica do pensamento escolarizado e acadêmico. As sínteses aqui trabalhadas servem para pensar a partir da educação escolar indígena, acreditando-se que cultivar, na escola, os valores da educação Kaiowá e Guarani.

O teko, tekoha e ñe'ẽ, hoje são vistos como parte da filosofia kaiowá e guarani pelos movimentos sociais indígenas que lutam para colocar em prática os direitos conquistados através da Constituição Federal de 1998. Essa filosofia orienta a formação dos professores indígenas Kaiowá e Guarani tanto no Ara Verá⁷ quanto no Teko Arandu⁸.

As três categorias filosóficas são vistas também como caminho para garantir a identidade tradicional no mundo em que os indígenas são marcados por muitas interferências externas. Elas têm garantido a resistência frente todas as influências sofridas durante a história de contato, e são o núcleo duro da identidade. Elas não são negociadas e mantêm a originalidade, possibilitando a clareza, o sentido e a segurança em direção ao horizonte onde se quer chegar.

Na Reserva⁹ de hoje, o jeito de ser é baseado naquele que cada família buscou e busca como alternativa de sobrevivência. Esta realidade é marcada pela presença de muitos outros elementos que não são da tradição indígena, mas que com o tempo se tornam como que tradição de cada família. Estas diferentes tradições vivenciadas pelas novas gerações levam a conflitos de interesses. Tem-se como consequência disso “divisões políticas” em

7. Formação específica de professores Kaiowá e Guarani em nível médio, iniciada em 1999.

8. Licenciatura Intercultural Indígena Kaiowá e Guarani, com quatro habilitações específicas: Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática, iniciada, UFGD, em 2006.

9. Entre 1915 e 1928 foram demarcadas pelo governo 8 Reservas Indígenas no cone sul do estado de Mato Grosso do Sul com objetivo de confinar a população indígena em um espaço reduzido, dando espaço do seu território tradicional para a colonização não indígena.

todas as áreas kaiowá e guarani.

Apesar do cenário exposto, vivenciando a reserva sentimos as vibrações das forças das memórias e das lembranças do Tekokue, jeito de ser que não se vive mais, mas que estão ainda presentes nos lugares das vivências profundas das práticas da tradição das gerações passadas, dos avós que já se foram. No teko da aldeia de hoje, o ser cristão dos kaiowá e guarani traduzem, no contexto das igrejas, os valores vivenciados no passado com os mais velhos como modelos de teko porã.

Hoje, o teko é referenciado nas reservas pelos valores representados pela cultura da religião cristã. As gerações são produzidas neste processo, levando o cristianismo a fazer parte da tradição para várias famílias. Os caminhos de práticas de construção do teko está mais visível no ambiente das igrejas cristãs, tornando mais sedimentados os valores a partir deste ambiente.

Dentro dessa nova realidade, qual seria o papel da educação escolar indígena? Qual seria o teko nas reservas de hoje que deve ser cultivado nas escolas? A escola seria tomada como um novo espaço de fortalecimento dos valores culturais? Como isso dialogaria com o universo simbólico cristão? São alguns questionamentos que merecem ser discutidos e aprofundados, tarefa sobre a qual nos debruçaremos em momento oportuno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENITES, Eliel. Oguata Pyahu (Uma Nova Caminhada) no Processo de Desconstrução e Construção da Educação Escolar Indígena da Aldeia Te'yikue. Campo Grande, 2014, 130 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

BRAND A. e COLMAN, R. Considerações sobre Território para os kaiowá e guarani. In: Tellus, ano 8, n. 15, p. 153-174, jul./dez. Campo Grande: UCDB, 2008.

SILVA. T. T. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.